Localizada no câmpus da UnB, em área nobre no coração da capital, está a única vila de professores universitários do país. Berço do punk e do rock brasilienses, a Colina reúne, em prédios históricos, intelectuais e um clima bucólico que passam despercebidos por muitos moradores do DF

SQA

(Super Quadra Acadêmica)

» ARIADNE SAKKIS

A vida é tranquila, interiorana, nesta espécie de Super Quadra Acadêmica. Brasília cresceu, a Universidade de Brasília (UnB) também, mas a Colina se resguarda das transformações velozes. Lá de cima, a vista ainda é bucólica, sem construções obstruindo o olhar para o Lago Paranoá. O reduto funcional, no entanto, já ferveu em rock nos anos 1980 e em resistência à ditadura nas décadas de 1960 e 1970. Histórias passadas sob os pilotis ou nas varandas ventiladas dos 11 blocos que formam essa quadra.

A Colina nasceu com a UnB. Os primeiros quatro blocos, de A a D, são concepções de José da Gama Filgueiras Lima, o Lelé. Com esses prédios, concluídos em 1963, o arquiteto, amigo e braço direito de Oscar Niemeyer na construção de Brasília, construiu os primeiros edifícios pré-moldados do Brasil. Aqui, como na França do pós-guerra, onde a técnica surgiu, era preciso construir rapidamente para abrigar os professores que vinham de todo o Brasil compôr o corpo docente da nova instituição pública federal.

Só depois da redemocratização brasileira, em 1985, é que a UnB conseguiu fazer novas obras de prédios com apartamentos funcionais. O vencedor do concurso foi Paulo Marcos Paiva, arquiteto pernambucano e professor da Faculdade de Arquitetura. Os novos blocos só começaram a ser habitados em 1988. Um pouco afastados dos prédios de Lelé, o conjunto mais jovem foi batizado de Colina Nova.

O mesmo espírito criativo, rebelde e de contestação que fez a fama da UnB se repetiu no bairro. Para se ter ideia, sob os blocos de lá surgiram os primeiros punks da cidade. No fim da década de 1970 e início dos anos 1980, lá foi formada a famosa Turma da Colina, integrada, basicamente, por alguns dos futuros ícones do rock brasileiro. Para citar alguns: Renato Russo, os irmãos Fê e Flávio Lemos, Philipe Seabra, entre outros. Foi lá o antológico show do Aborto Elétrico, que influenciaria diversas bandas na cidade e no país. Atualmente, o barulho se faz mais ao longe, nas festas nos clubes e no Centro Comunitário da UnB.

Um tanto maltratada pela falta de zelo, ainda hoje a Colina é um endereço disputado e amado por quem vive ali. Seus apartamentos generosos e o baixo custo de viver em endereço tão nobre fazem com que, todos os anos, a lista de espera por um imóvel vago aumente um pouquinho. Encantos prosaicos da única vila de professores universitários do Brasil.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press - 14/10/11

Prédios da Colina, um bairro que ainda resguarda uma paisagem bucólica, sem construções obstruindo a vista para o Lago Paranoá, são amplos e têm varandas ventiladas: qualidade de vida e muita cultura perto da universidade

Preço é baixo, mas falta manutenção

Uma das maiores reclamações de moradores dos 285 apartamentos da Colina é a falta de manutenção. Tanto que não são raros os casos de professores que tiram dinheiro do bolso para arcar com reformas no patrimônio da UnB. Até Cosmo Balbino, coordenador da Secretaria de Gestão Patrimonial da UnB e morador do bairro há 23 anos, já custeou melhorias onde mora. Os reparos não acontecem por uma série de motivos. O mais importante deles é a escassez de recursos.

1,4 mil

número de imóveis da UnB no Distrito Federal

Algumas reformas são urgentes. Nos prédios da Colina Velha, o encanamento ainda é o original, fabricado em ferro. Em algumas torneiras, o primeiro jato de água geralmente vem acompanhado de ferrugem. "Quem decide a destinação das verbas é o Conselho Diretor, mas ele deixou de existir há cinco anos", explica Balbino. O mandato dos conselheiros foi vencendo, sem que houvesse novas nomeações. O atual reitor, Ivan Camargo, já encaminhou uma lista com sugestão de nomes para aprovação da presidente Dilma Rousseff.

Só esse grupo pode se debruçar sobre o reajuste nas taxas pagas pelos moradores para ocupar os imóveis. "Tem gente que mora na Colina há 17 anos e paga R$ 193 por um apartamento de dois quartos, sem que a taxa tenha sido reajustada. Isso é impensável na capital federal. E não é suficiente para arcar com os custos", afirma Balbino. Tão insuficiente quanto os recursos é a quantidade de imóveis para professores e servidores, ainda que a UnB tenha um dos maiores patrimônios imobiliários do Distrito Federal. Atualmente, a demanda reprimida de alojamento soma exatos 675 funcionários.

Janine Moraes/CB/D.A Press - 14/5/13

Quem mora

Charme que atrai

Entre tantas obras de arte espalhadas pelas paredes, com dedicatórias dos autores para o amigo Hugo Rodas, o diretor de teatro de 73 anos só não prescindiria da beleza da vista do apartamento de esquina no Bloco H. Nos dias secos de maio, o céu é um clássico azul de Brasília e as copas das árvores entre a Colina e o Lago Paranoá parecem um tapete. Infiltrado pelo sol que entra na casa por tantas janelas, o espaço é o que ele chama de casa há uns 10 anos. Talvez mais, talvez menos. "Não sei o que seria da minha vida sem esta varanda", diz, num charmoso sotaque uruguaio resistente a 38 anos de brasilidade.

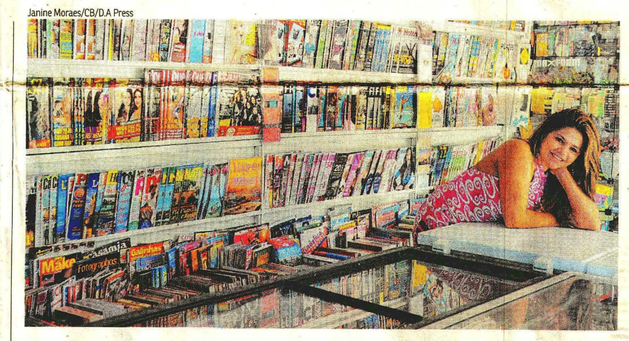
No balcão, uma cama disfarçada de sofá serve para os exercícios matinais. A mesa, para qualquer refeição, ainda que fosse mais lógico e prático posicionar o móvel na sala, próximo à cozinha, como quase todo mundo faz, também está na varanda. Acontece que Hugo Rodas navega a longa (e segura) distância do senso comum. Pode ser que dê trabalho, mas comer na varanda é mais agradável. Ainda que do horizonte agora despontem construções inexistentes na década de 1980.

A casa dele, explica, é reprodução da casa da mãe. Precisa pensar que ainda tem as obrigações de um filho para manter a ordem, pelo menos da morada. "Sou uma pessoa louca. Preciso me impor alguma disciplina. Acordo e arrumo a cama em seguida. Tem que ser assim", assume. As heranças familiares estão em todas as partes da casa. As taças de champanhe da mãe. O sapatinho de quando era bebê. O relógio de mesa da tia. O quadro do pai.

O ator e diretor vive sozinho em um apartamento de três quartos. As tias lhe disseram para nunca se casar se quisesse ser um homem feliz. Quiçá por ter seguido à risca a recomendação, usufrui muito bem da amplidão. Também não é como se ele fosse um solitário. O lar é dele e de parentes e amigos. Além disso, Rodas e os demais habitantes do bairro compõem uma espécie de família. "A Colina é uma coisa divertida. Toda família é divertida. Você se sente um pouco protegido", diz.

Hoje aposentado, o uruguaio continua trabalhando no programa de pós-graduação. Não fosse a cirurgia para colocação de uma prótese na bacia, continuaria indo de bicicleta para a sala de aula. Tal qual vivesse em uma cidade do interior, pois é isso que a Colina parece para ele. Enquanto tiver direito ao apartamento, vai ficando por lá. Não sabe o que vai ser de si caso um dia precise sair. "Jamais me recuperaria."

Janine Moraes/CB/D.A Press



Quem trabalha

Um point familiar

A Banca da Colina é a única representante do comércio no bairro. Por isso, as prateleiras de lá oferecem mais que revistas, periódicos, guias de viagem e doces. Tipo arroz integral e litro de leite. Tem sido assim nos últimos 23 anos, desde que Francisca Carvalho Maciel se instalou ali, após vencer a licitação. Antes dela, não havia qualquer serviço. Não parece, mas ela tem 50 anos e criou dois filhos, hoje com 33 e 29 anos, trabalhando na Colina. Aquela história de chamar de "moça" não existe. Quem chega, chama Fran pelo nome.

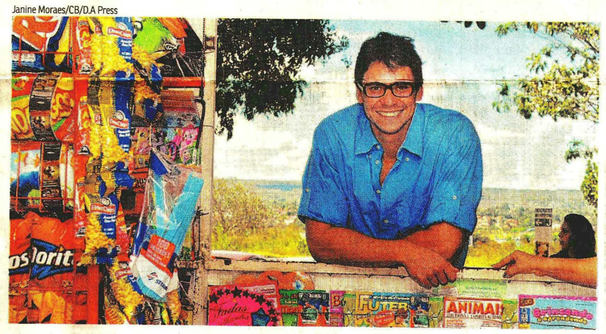
> **"O PROFESSOR CELSO FONSECA DEU MUITAS AULAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL AQUI"**
>
> **Francisca Carvalho Maciel,** 50 anos, dona da banca de jornal, o único estabelecimento comercial da Colina

Das 9h às 18h, todo tipo de gente passa pela banca. De professores aposentados a alunos da UnB, que contam com a camaradagem do estabelecimento para esquentar o almoço que trazem de casa no micro-ondas. Até atriz de televisão tomou sorvete na banca. "Acho que era início dos anos 1990 e os pais do Tony Bellotto moraram aqui. De vez em quando, a Malu Mader vinha comprar um picolé", relembra. A mãe do músico, Heloísa Liberalli Bellotto, foi professora visitante da UnB entre 1990 e 1993.

O dia a dia tem muitas pausas para conversar. "No comércio, a gente é um pouco de tudo. Um pouco psicóloga, um pouco amiga", diz. De vez em quando, ela acaba sendo família. No último Dia das Mães, Fran recebeu até mensagem de uma aluna. A simpatia da dona, a sombra das árvores e a bebida fresca fizeram da revistaria um ponto de encontro na UnB. As mesas do lado de fora da banca estão quase sempre ocupadas.

A tranquilidade foi um convite para professores improvisarem o lugar como sala de aula. "O professor Celso Fonseca, da história, deu muitas aulas de história medieval aqui", conta Fran. Volta e meia, as mesinhas também servem para almoços comunitários. Não tem muito tempo, uma geração crescida na Colina fez um churrasco nostalgia. "Vi esses meninos crescendo. Tinha que fazer aqui mesmo", conta, orgulhosa.

Janine Moraes/CB/D.A Press



Quem frequenta

Relação de amor

Passando pelo Câmpus Darcy Ribeiro, na Asa Norte, um dia o estudante de engenharia civil Paulo Paiva, 27 anos, parou para prestar atenção naqueles prédios residenciais escondidos em um dos cantos da UnB. Gostou do ambiente da banca de revistas. Era o início da vida acadêmica e também da relação de amor — depois disputado em litígio — com a Colina. Raro é o dia que Paulão não passa por lá. Nem que seja só durante cinco minutos, para um simples oi. "Fiz amizade com a Fran e o Geraldo (marido da comerciante e também proprietário da banca). A gente é bem-tratado", conta. No meio da entrevista, ele dá mostras das amizades e da confiança que conquistou. Assume o caixa da loja enquanto a dona é fotografada.

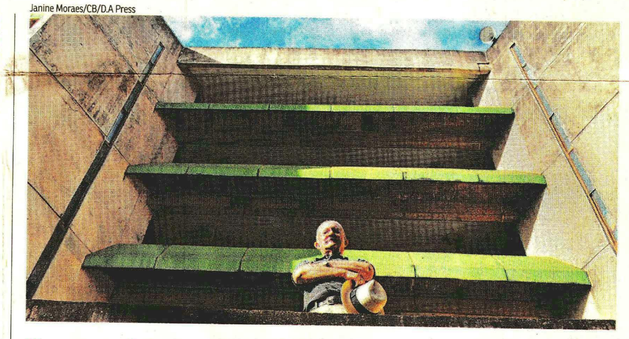
Há algum tempo, o estudante engatou um namoro e convenceu a moça das qualidades do lugar. Quando o romance acabou, os ex-namorados tinham que decidir quem ficava com a guarda da banca. "Ficou para mim, né?", enfatiza Paulão. Morador do Lago Norte, mesmo aos fins de semana ele opta por sair de casa e ir encontrar os amigos por lá. O universitário talvez extrapole os limites da simpatia com o local.

> **"VOU CONTINUAR VINDO PARA CÁ. MESMO DEPOIS DE FORMADO"**
>
> **Paulo Paiva,** 27 anos, estudante de engenharia civil

Turismo

Para o estudante universitário, a Colina passou a ser até ponto turístico. Foi esse o primeiro lugar de Brasília que ele mostrou a duas amigas que vieram de Belo Horizonte para conhecer a capital do país, por exemplo. Prestes a se formar, antes de sair de vez da UnB Paulão já tem planos para fazer um churrasco de despedida, que, claro, deve acontecer na banca mesmo, com todos os amigos que fez ao longo do tempo em que frequentou a Colina. "Vou continuar vindo para cá. Mesmo depois de formado", promete ele.

Janine Moraes/CB/D.A Press



Quem projetou

Inusitada e funcional

Paulo Marcos Paiva não sofre de cromofobia. O arquiteto explica logo que usa cor nos projetos, ao contrário de colegas de profissão. Saber disso ajuda muito a entender a concepção dos prédios que formam a Colina Nova, composta por sete blocos inaugurados em 1988 — os quatro edifícios da Colina Velha são obras de João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé, um dos mais importantes arquitetos brasileiros. Ele venceu em 1985 o concurso aberto pelo Centro de Planejamento da UnB para a construção de novos prédios habitacionais.

A falta de manutenção adequada deixou o tempo lavar os amarelos, azuis, verdes, vermelhos e laranjas que distinguiam cada prédio. Hoje, ao vivo e em cores só se vê um pedacinho daqui e outro de lá, por força do zelo de algum morador. Os tons, selecionados com a ajuda de Athos Bulcão, compuseram até mesmo os brises, um dos elementos que garantem o conforto térmico dos apartamentos. "Na época, eu disse que era inspirado nas bandeirinhas de Volpi, mas me inspirei mesmo nas festas populares nordestinas, como a de são-joão", conta Paiva, pernambucano de Triunfo.

Os prédios voltados para o lago têm áreas vazadas na coluna do elevador. O professor ensina os nomes certos: transparência ou porosidade. A escolha resulta em uma varanda inusitada, mas não foi estética. Foi funcional. "Isso garantiu a circulação de ar para os blocos da frente", explica. Ao contrário dos prédios de Lelé, as projeções dele têm balcões, outro elemento típico do Nordeste. Tanto que muitos moradores replicam ali o uso da rede. Além disso, têm garagem e alcançam seis andares, respeitando a recomendação do limite de altura de Lucio Costa. Por dentro, a preocupação foi projetar apartamentos confortáveis, luminosos.

Os atrativos serviram para tentar professores de outros estados a virem para a UnB. "A ditadura tinha acabado, muitos professores estavam voltando e outros eram convidados a vir", relembra. Há partes incompletas do projeto, como a praça de convivência, com uma fonte no centro, que nunca saiu do papel. Olhando para seu legado, faria poucas alterações. Talvez adotaria a tendência de maior integração entre a sala e a cozinha. Para saber mais, precisaria ter tido experiência prática. Logo ele, que resistiu aos anos de chumbo na UnB e assina o projeto tão querido pelos moradores, nunca habitou a obra. "Tinha fila", resume.

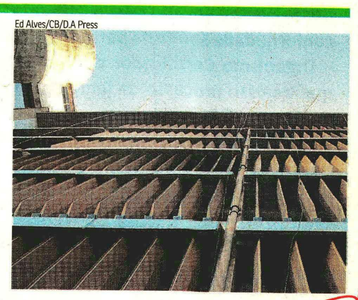
Ed Alves/CB/D.A Press

Janine Moraes/CB/D.A Press

Ed Alves/CB/D.A Press

Janine Moraes/CB/D.A Press

Ed Alves/CB/D.A Press

Ed Alves/CB/D.A Press

Ed Alves/CB/D.A Press